

Sanitarista denuncia surto de cólera entre os índios ticunas

O Comitê de Apoio à População Indígena na Emergência da Cólera, que reúne sanitaristas e antropólogos indianistas, informou que há 30 índios ticuna internados com cólera no hospital móvel instalado num navio da Marinha, atracado na localidade de Belém de Solimões — aldeia onde vivem cerca de 2,5 mil ticunas em condições precárias de saneamento. A informação foi transmitida por lideranças indígenas da região ao antropólogo João Pacheco, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo ele, outros 10 índios atingidos pela doença estão internados no Hospital da Guarda Militar, em Tabatinga.

"Na região do Alto Solimões há 20 mil índios ticuna e, mesmo sem apresentar sintomas da doença, muitos provavelmente já estão infectados pela bactéria da cólera, eliminando-a no meio ambiente, através das fezes", adverte o sanitarista Carlos Coimbra, da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp). "O pior é que não há qualquer esquema

especial para a assistência aos índios doentes: a Fundação Nacional do Índio (Funai) não tem a mínima infra-estrutura para enfrentar a doença nas áreas indígenas", denuncia Áurea Pascachio, do Instituto de Meio Ambiente e Antropologia de São Paulo.

Segundo ela, não há medicamentos, nenhum hospital de campanha foi montado e a Funai não tem carros, combustível ou sistemas de comunicação por rádio que agilizem as informações sobre novos casos. A Funai tem apenas 34 médicos para atender a 130 mil índios em toda a Amazônia. "Os monitores de saúde indígenas deveriam estar sendo treinados", reclama Carlos Coimbra.

O calado dos dois barcos da Marinha que estão na área de maior risco impede a navegação por igarapés menores para atingir comunidades indígenas mais isoladas. "Muitos índios vão morrer sem que ninguém fique sabendo", alerta Carlos Coimbra, lembrando que, sem tratamento, 50% dos casos de cólera resultam em morte. Com tratamento, esse número cai para 1%. Além

disso, os índios estão mais expostos aos efeitos da doença devido à desnutrição e à existência de outras doenças infecciosas em suas comunidades.

Para Olímpio Serra, da Fundação Mata Virgem, "a vacinação de índios será pura demagogia". Em sua opinião, os índios precisam de um esquema especial de diagnóstico e tratamento, que será pedido esta semana à Comissão Nacional de Cólera.

O comitê está preocupado com a expansão da epidemia de cólera ao Rio Javari, ao sul de Tabatinga, onde vivem 4 mil índios de várias etnias. "Os índios dessa área já devem estar sendo infectados pela bactéria trazida pelas embarcações dos contrabandistas e seringueiros", suspeita Carlos Coimbra. A sanitarista Vera Reis, do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal Fluminense (UFF) viajará para a região na próxima semana, com o objetivo de estudar uma maneira de garantir a prevenção e o tratamento dos índios.

Alceni diz a Collor que evita epidemia

BRASÍLIA — Embora a Organização Mundial de Saúde (OMS) tenha feito a previsão de que a cólera vai se tornar uma epidemia no Brasil, o ministro Alceni Guerra, disse ontem ao presidente Fernando Collor, que passou quase três horas no Ministério da Saúde, que isso não acontecerá se for possível controlar todos os surtos da doença, apesar de admitir que a doença se espalha com muita facilidade. Alceni pediu ao presidente providências junto à ministra da Ação Social, Margarida Procopio, para que sejam redirecionados os investimentos em saneamento básico — menos recursos para as áreas de turismo, por exemplo, e maior atenção para as áreas suscetíveis à cólera.

"O quadro de saneamento no país é caótico", alertou Alceni, repetindo as

estatísticas que apresentou a Collor. De acordo com esses dados, os grandes centros têm tratamento para 46% dos esgotos; a periferia das cidades tem apenas 0,1% e a zona rural 2% de seus dejetos tratados. Dados igualmente preocupantes sobre a falta de tratamento de água foram mostrados ao presidente: 90% da população urbana, 30% das populações periféricas e menos de 10% da zona rural têm água tratada, segundo o ministro. Ele alertou também para o perigo da contaminação através dos aeroportos, entre os quais os mais vulneráveis são os do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Embarcações — A partir da próxima semana o Ministério poderá adotar uma nova medida de prevenção con-

tra a cólera no país, envolvendo as embarcações que transportam passageiros pelo Rio Amazonas, de Manaus para aproximadamente 40 municípios. "Vamos propor a utilização de caixas coletoras e estações de tratamento dos dejetos dos sanitários dessas embarcações", informou o vice-diretor da Divisão de Portos, Aeroportos e Fronteiras (Dipaf) da Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS), Afonso Infurna Júnior.

Segundo o ministro Alceni Guerra, a Comissão Nacional de Prevenção da Cólera tem autonomia para executar qualquer medida e o secretário nacional de Vigilância Sanitária, Baldur Schubert, conta com um orçamento de Cr\$ 20 bilhões "para fazer o que for conveniente".